

velho apêgo à espôsa e aos filhos queridos. Perante Clárcio e Lisias, deliberava sempre recalcar sentimentos e calar indagações; mas o olhar materno encorajava-me. Alguma couss fazia-me sentir que minha mãe não se demoraria muito tempo a meu lado. Aproveitando o minuto que corria célebre, Interroguei:

— A senhora, que tem acompanhado o papai devotadamente, nada poderá informar relativamente à Zélia e às crianças? Aguardo, ansioso, o instante de voltar à casa, a-fim-de auxilia-los. Oh! minhas imensas saudades devem ser igualmente compartilhadas por eles! Como deve sofrer minha desventurada espôsa com esta separação!...

Minha mãe esboçou um sorriso triste e acrescentou:

— Tenho visitado meus netos periodicamente. Vão bem.

E, depois de meditar alguns instantes, acentuou:

— Não deves, porém, inquietar-te com o problema de auxílio à família. Prepara-te, em primeiro lugar, para que sejamos bem sucedidos; ha questões que precisamos entregar ao Senhor, em pensamento, antes de trabalhar na solução que elas requerem.

Quis insistir no assunto para colher pormenores, mas, minha mãe não reicidiu nele, esquivando-se, generosa. A palestra estendeu-se ainda longa, envolvendo-me em sublime conforto. Mais tarde, ela despediu-se. Curioso por saber como vivia até ali, pedi permissão para acompanhá-la. Afagou-me, então, carinhosa, e disse:

— Não venhas, meu filho. Esperam-me com urgência no Ministério da Comunicação, onde serei munida de recursos fluidos para a jornada de regresso, nos gabinetes transformatórios. Além disso, preciso ainda avisar-me com o ministro Célio, para agradecer a oportunidade desta visita.

E, deixando-me na alma duradoura impressão de felicidade, beijou-me e partiu.

## XVII

### EM CASA DE LISIAS

Não se passaram muitos dias, após a inesperada visita de minha mãe, quando Lisias me veio buscar, a chamado do ministro Clárcio. Segui-o surpreso.

Recebido amavelmente pelo generoso benfeitor, esperava-lhe as ordens com enorme prazer.

— Meu amigo — disse, afavel — doravante está autorizado a fazer observações nos diversos setores de nossos serviços, com exceção dos Ministérios de natureza superior. Henrique de Luna des por terminado seu tratamento, na semana última, e é justo, agora, aproveite o tempo observando e aprendendo.

Olhei para Lisias, como irmão que devia participar da minha felicidade indizível, naquele instante. O enfermeiro correspondeu-me ao olhar com intenso júbilo. Não cabia em mim de contente. Era o inicio de vida nova. De alguma sorte, poderia trabalhar, ingressando em escolas diferentes. Clárcio, que parecia perceber minha intraduzível ventura, acentuou:

— Tornando-se dispensável sua permanência no parque hospitalar, examinarei atentamente a possibilidade de sua localização em ambiente novo. Consultarei alguma de nossas instituições...

Lisias, porém, cortou-lhe a palavra, exclamando:

— Se possível, estimaria receber-lo em nossa casa, enquanto perdurar o curso de observações; lá, minha mãe o trataria como filho.

Fitei o visitador num transporte de alegria. Claro, por sua vez, também lhe endereçou um olhar de aprovação, murmurando:

— Muito bem, Lísias! Jesus alegra-se conosco, sempre que recebemos um amigo no coração.

Abracei o generoso enfermeiro, sem poder traduzir meu agradecimento. A alegria às vezes nos emudece.

— Guarde este documento — disse-me o atencioso ministro do Auxílio, entregando-me pequena caderneta com ele, podaré ingressar nos Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação e do Esclarecimento, durante um ano. Decorrido esse tempo, veremos o que será possível fazer relativamente aos seus desejos. Instrua-se, meu caro. Não perca tempo. O interstício das experiências carnais deve ser bem aproveitado.

Lísias deu-me o braço e saí, cambaleando de prazer. Passados minutos, eis-nos à porta de graciosa construção, cercada de colorido jardim.

— E' aqui — exclamou o companheiro delicado. E, com expressão carinhosa, acrescentou:

— O nosso lar, dentro de "Nosso Lar". Ao tímido brando da campainha no interior, surgiu à porta simpática matrona.

— Mãe! Mãe!... — gritou o enfermeiro apresentando-me alegremente — este é o irmão que prometi trazer-te.

— Seja bem-vindo, amigo! exclamou a senhora, nobremente — esta casa é sua.

E abracando-me:

— Soube que sua mamãe não vive aqui. Nesse caso, terá em mim uma irmã, com funções maternais.

Não sabia como agradecer a generosa hospitalidade. Ia ensaiar algumas frases, por demonstrar minha compreensão e reconhecimento, mas a nobre matrona revelando singular bom humor, adiantou-se, adivinhando-me os pensamentos:

— Está proibido de falar em agradecimentos. Não o faça. Obrigar-me-la a lembrar, de repente, muitas frases convencionais da Terra...

Rimo-nos todos e murmurei comovido:

— Que o Senhor traduza meu agradecimento a todos em renovadas bênçãos de alegria e paz.

Entrámos. Ambiente simples e acolhedor. Móveis quase idênticos aos terrestres; objetos em geral, demonstrando pequeninas variantes. Quadros de sublime significação espiritual, um piano de notáveis proporções, descansando sobre ele grande harpa, talhada em linhas nobres e delicadas. Identificando-me a curiosidade, Lísias falou prazenteiro:

— Como vê, depois do sepulcro não encontrou ainda os anjos harpistas; mas aí temos uma harpa esperando por nós mesmos.

— Oh! Lísias — atalhou a palavra materna, carinhosa — não faças ironia. Não te recordas que o Ministério da União Divina recebeu o pessoal da Elevação, no ano passado, quando passaram por aqui alguns embaxadores da harmonia?

— Sim, mamãe; mas quero apenas dizer que os harpistas existem, e precisamos criar audição espiritual para ouvi-los, esforçando-nos, por nossa vez, no aprendizado das cousas divinas.

Em seguida aos conceitos ooriginais de apresentação, com que relacionei minha procedência, vim a saber que a família de Lísias vivera em antiga cidade do Estado do Rio de Janeiro; que sua mãe chiamava-se Laura e que, em casa, tinha consigo duas irmãs, Iolanda e Judit.

Respirava-se, ali, doce e reconfortante intimidade. Não conseguia disfarçar meu contentamento e alegria enorme. Aquele primeiro contato com a organização doméstica na colônia, enlevava-me. A hospitalidade, cheia de ternura, arrancava-me ao espírito notícias de profunda emoção.

Face ao tiroteio de perguntas, Iolanda exibiu-me livros maravilhosos. Notando-me o interesse, a dona da casa, advertiu:

— Temos em "Nosso Lar", no que concerne à literatura, uma enorme vantagem: é que os escritores de má fé, os que estimam o veneno psicológico, são condu-

zidos imediatamente para as zonas obscuras do Umbral. Por aqui não se equilibram, nem mesmo no Ministério da Regeneração, enquanto perseveram em semelhante estado dalmata.

Não pude deixar de sorrir, continuando a observar os primeiros da arte fotográfica, nas páginas sob meus olhos.

Em seguida, chamou-me Lírias para ver algumas dependências da casa, demorando-me na Sala do Banho, cujas instalações interessantes maravilharam-me. Tudo simples, mas confortável.

Não voltara a mim da admiração que me empolgava, quando a senhora Laura convidou á oração.

Sentamo-nos silenciosos em torno da grande mesa.

Ligado um grande aparelho, fez-se música suave. Era o louvor do momento crepuscular. Surgiu, ao fundo, o mesmo quadro prodigioso da Governadoria, que nunca me cansava de contemplar todas as tardes, no parque hospitalar. Naquele momento, porém, sentia-me dominado de profunda e misteriosa alegria. E vendo o coração azul desenhado ao longe, senti que minha alma se ajoelhava no templo interior, em sublimes transportes de jubilo e reconhecimento.

## XVIII

### AMOR, ALIMENTO DAS ALMAS

Terminada a oração, chamou-nos á mesa a dona da casa, servindo caldo reconfortante e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos. Eminentemente surpreendido, ouvi a senhora Laura observar com graça:

— Afinal, nossas refeições aqui são muito mais agradáveis que na Terra. Ha residencias, em "Nosso Lar", que as dispensam quase por completo; mas, nas zonas do Ministério do Auxílio, não podemos prescindir dos concentrados fluidicos, tendo em vista os serviços pesados que as circunstancias impõem. Dispensemos grande quantidade de energias. E' necessário renovar provisões de força.

— Isso, porém — ponderou uma das jovens — não quer dizer que sómente nós, os funcionários do Auxílio e da Regeneração, vivamos a depender de alimentos. Todos os Ministérios, inclusive o da União Divina, não os dispensam, diferindo apenas a feição substancial. Na Comunicação e no Escclarecimento ha enorme desperdício de frutos. Na Elevação o consumo de sucos e concentrados não é reduzido e, na União Divina, os fenômenos de alimentação atingem o inimaginável.

Meu olhar indagador ia de Lírias para a senhora Laura, ansioso de explicações imediatas. Sorriram todos da minha natural perplexidade, mas a mãe de Lírias veio ao encontro dos meus desejos, explicando: